

**SANEAR E LIMPAR: AS PROPOSTAS DE INTERVENCIONISMO DA SOCIEDADE DE
MEDICINA E CIRURGIA DE JUIZ DE FORA (SMCJF) NO ESPAÇO URBANO
JUIZFORANO**

Vanessa Lana

Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora foi fundada em 20 de outubro de 1889. No corpo societário da instituição estavam presentes médicos, farmacêuticos e cirurgiões dentistas. Nas reuniões da Sociedade, estiveram em pauta debates acerca dos principais problemas sanitários do município e discussões biomédicas com questões presentes nos principais círculos científicos nacionais e europeus. O objetivo deste texto é analisar as tentativas de intervenção no espaço social juizforano, particularmente no cotidiano dos cidadãos, a partir da elaboração de uma série de “medidas higiênicas” remetida à Câmara Municipal de Juiz de Fora para ser divulgada na imprensa e seguida pela população.

No calendário, dia 21 de dezembro de 1889. Realizava-se a terceira sessão extraordinária da então nascente Sociedade de Medicina e Cirurgia. O sol estava a pino, e as chuvas ao cair da tarde acusavam a estação mais quente do ano. O verão, além do calor, trazia consigo a necessidade de precauções especiais por parte das autoridades sanitárias, em virtude das várias moléstias que proliferavam nesta época do ano.

Na última sessão do ano que se findava, as atenções estiveram preponderantemente voltadas para as palavras do Dr. Simões Correa. Nas discussões anteriores, o Dr. Correa já havia tecido considerações acerca das condições higiênicas do município, ressaltando a precariedade do sistema municipal, com algumas ruas em estado de emergência, sem

condições sequer de receber os tubos de esgoto propostos pela administração municipalⁱ. Agora, o Dr. Correa atentava para a conveniência de se estabelecer um serviço de irrigação das ruas e praças nos dias quentes de verão, visando “(...) prevenir a invasão de moléstias epidêmicas ou o desenvolvimento de endemias que possam tomar caráter epidêmico”ⁱⁱ.

Passando à segunda ordem do dia, ainda com a oratória do Dr. Correa, é apresentada ao corpo societário alguns conselhos higiênicos, a serem publicados na imprensa local e remetidos à Câmara Municipal, a fim de se prevenir as “moléstias de verão”. Transcrito integralmente na ata da reunião, o parecer estava assim redigido:

“A Sociedade de Medicina e Cirurgia delibera tornar públicos, por intermédio da imprensa local, os seguintes conselhos hygienicos, de fácil execução e de utilidade incontestável, para prevenir ou attenuar a influencia das causas morbigenas no desenvolvimento de moléstias graves, próprias da estação que atravessamos [verão]:

- 1º - Completa limpeza das casas, pateos e quintaes, e caiação, principalmente dos aposentos de dormir;
- 2º - Desinfecção, remoção ou cremação dos resíduos orgânicos animais e vegetais;
- 3º - Lavagem e desinfecção de privadas, canos de esgotos e mictórios;
- 4º - Evitar, quanto possível, o accumulo de indivíduos, principalmente à noite, em aposentos estreitos e mal ventilados;
- 5º - Conservar abertos, durante o dia, os aposentos, a fim de serem convenientemente ventilados;
- 6º - As roupas servidas não devem ser conservadas nos aposentos, mas lavadas com a maior presteza e desinfectadas antes da lavagem, si tiverem servido a doentes de moléstia transmissível;

7º - Deve-se evitar, quanto possível, o uso de fructas verdes, mal sasonadas ou amadurecidas por influencia do sol intenso, o que é uma das causas mais comuns de graves desordens gastro-intestinais, principalmente nas creanças;

8º - A exposição aos raios solares nas horas mais quentes do dia deve ser evitada em geral, mas especialmente pelas creanças;

9º - Não deve ser adiada o tratamento de qualquer indisposição por mais ligeira que pareça, porque essas indisposições são freqüentemente o primeiro período de moléstias graves;

10º - Devem ser evitadas as pescarias nas lagoas e brejos aquecidos pelo sol ardentissimo dos mezes de verão;

11º - A limpeza do corpo; a regularidade nas horas das refeições; o uso dos alimentos sadios e frescos; a completa abstenção de comidas indigestas e de água aquecida pelo sol ou proveniente de brejos ou poços, são outras tantas condições hygienicas próprias a premunirem o individuo contra a invasão das moléstias e, portanto, devendo ser rigorosamente observadasⁱⁱⁱ “. [preservou-se a grafia original]”.

Tais “conselhos higiênicos” remetidos à população juizforana ilustram o interesse pela aplicabilidade e utilidade da ciência, que esteve presente nas associações científicas, de modo geral, até as primeiras décadas do século XX. Ressaltava-se o componente utilitarista da ciência, colocando-a a serviço do progresso e da transformação do país^{iv} . A prática científica era encarada como importante agente transformador. E, neste caso, um agente que se adentrava pelos espaços cotidianos da população, modificando seus hábitos em prol do discurso higiênico. Esta característica utilitária é explícita no discurso de inauguração da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, proferido pelo Dr. João Penido, então presidente da Sociedade, na primeira sessão solene da instituição em outubro de 1889.

Nas palavras do Dr. João Penido, o motivo da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora estava pautado no:

“(...) empenho humanitário de concorrer com o nosso pequeno obulo para - senão resolver, ao menos encaminhar a solução destas questões de palpitante actualidade e, para nós, médicos, de interesse vital, - aliado ao ardente desejo de prestar algum serviço ao nosso paiz, e particularmente á nossa província (...)”

v.

Este “empenho humanitário”, citado pelo Dr. Penido no discurso de inauguração e, de certa forma, resgatado nas palavras do Dr. Simões desloca-se da esfera pública para a privada, na medida em que são indicadas condutas diferentes ou até mesmo avessas às da maioria da população. E o intuito dos “conselhos higiênicos” era, de certa forma, criar comportamentos compatíveis com o discurso médico, com as posturas que a comunidade científica considerava ajustadas para um espaço moderno, urbanizado e saneado.

A cidade de Juiz de Fora estava vivendo, em fins do século XIX, anos de intensa acumulação e diversificação da aplicação de capitais. Era o momento de gestação e execução de projetos de urbanização e remodelamento urbano por parte das autoridades governamentais. Nesta “construção” da cidade, dois aspectos ressaltaram o novo modelo urbano: o aparelhamento do município, com ênfase às questões de higiene e a educação dos cidadãos inserida nos novos valores de vivência e comportamento^{vi}.

Neste sentido, o discurso dos membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia encontra-se embutido do ideal republicano de modernidade, de busca de novos hábitos^{vii}. A exemplo do que vinha ocorrendo na Europa desde o século XVIII, na República Velha brasileira instaurava-se um movimento médico-higienista com vistas a agrupar a população nos preceitos da boa higiene, bons costumes e boa moral^{viii}.

No documento, que seria enviado à Câmara Municipal, é explícito o intuito de “sanear”, de “limpar” as atitudes cotidianas da população, como os cuidados com o corpo e

a alimentação. Tais medidas são estabelecidas em prol da higiene urbana e pessoal, prescrevendo o que seria adequado ou não nos hábitos do dia a dia dos habitantes. E a execução dos preceitos estaria em relação diretamente proporcional ao bom funcionamento da salubridade urbana, tanto para a defesa e controle de epidemias, quanto para uma melhoria nas condições de saúde e no bom desfrute da “vida saudável” por parte dos moradores.

Tais características remontam, novamente, ao discurso inaugural da Instituição. No documento, o Dr. Penido argumenta que a principal proposição da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora seria:

“Zelar, sob o ponto de vista da hygiene, as condições de salubridade de qualquer localidade que tenha relação com alguns de seus membros, quer no município, quer na província, ou algures, especialmente, as relativas á cidade de Juiz de Fora, sede da sociedade. Investigar as causas de sua insalubridade permanente ou transitória, discutir os meios de resolve-las do melhor modo scientifico e pratico, propor aos poderes públicos as medidas próprias para garantir a sua salubridade e protestar contra as que forem reputadas inconvenientes. Em uma palavra: a sociedade constitui-se guarda avançada da salubridade publica”^{ix}.
(grifos nossos)

Através da atas da SMCJF percebemos esse ideário de “guarda avançada da salubridade publica” perpassando o ambiente da cidade, do espaço urbano, e se adentrando no *locus* cotidiano da população. Os “conselhos higiênicos”, analisados neste texto, representam um, dentre tantos exemplos, da preocupação dos profissionais da saúde, reunidos na Sociedade, com a higiene pública e privada em seus vários aspectos.

Tais “conselhos higiênicos” não se resumiram à apresentação e discussão na sessão de 21 de dezembro de 1889. Conforme a ata da 4ª sessão ordinária, já no ano de 1890, o Dr. Eduardo de Menezes desejava tornar público que a Câmara Municipal havia aprovado e

estaria colocando em execução as medidas que lhe fossem cabíveis, no tocante à higiene municipal. E, também, que os “conselhos” já havia sido promulgados nos jornais locais, uma vez que as redações mostraram a “melhor vontade” na publicação, em virtude da “importância” e “relevância” da mesma ^x.

O que não conseguimos registrar foi o impacto, e se houve, de tais medidas entre a população. Dos segmentos mais abastados, e que eram leitores dos jornais, acreditamos que, de alguma forma, algumas condutas foram acrescentadas (não sobrepostas) aos hábitos cotidianos. Mas, no caso da camada mais carente da sociedade, aos que pelo menos ouviram falar de tais propostas, são praticamente nulas as chances de verificarmos se “(...) a limpeza do corpo; a regularidade nas horas das refeições; o uso dos alimentos sadios e frescos [e] a completa abstenção de comidas indigestas (...)”^{xii} realmente foram colocados em prática.

ⁱ A colocação dos tubos de esgotos fazia parte do plano de engenharia sanitária proposta pelo governo municipal, intitulado “Plano Benest”.

ⁱⁱ Ata da 3ª sessão extraordinária da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, em 21 de dezembro de 1889. In: Boletim da SMCJF, Tomo Primeiro, 1º ano.

ⁱⁱⁱ Idem.

^{iv} Capel, Horacio, 1992. “El associativismo científico em iberoamerica. La necesidad de um enfoque globalizador”. *Interciencia*, v.17, n.3, maio/junho, pp.168-176.

^v *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora*. Ata da inauguração em 20 de outubro de 1889. Discurso pronunciado pelo Dr. João Penido (Pai). [preservou-se a grafia original]

^{vi} Goodwin Jr. James. Pedra, papel e perfume francês: a construção de Juiz de Fora como cidade civilizada. (1850-1914). In: Anais do I Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira. Juiz de Fora, 2005.

^{vii} Ver: Margarida de Souza Neves. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: Ferreira e Delgado (orgs.) O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. vol.1. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

^{viii} Ver: Iranilson Oliveira. “Fora da higiene não há salvação”: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. In: MNEME – Revista de Humanidades, UFRN-CERES.

^{ix} *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora*. Ata da inauguração em 20 de outubro de 1889. Discurso pronunciado pelo Dr. João Penido (Pai). [preservou-se a grafia original]

^x Ata da 4ª sessão ordinária da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, em 04 de janeiro de 1889. In: Boletim da SMCJF, Tomo Primeiro, 1º ano.

^{xi} Extraído dos “conselhos higiênicos”. Ata da 3ª sessão extraordinária da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, em 21 de dezembro de 1889. In: Boletim da SMCJF, Tomo Primeiro, 1º ano.